

VIVER É AGIR, LUTAR,
VIBRAR E FAZER QUE OS
OUTROS VIBREM.

Joubert

A Voz de Loulé

20 SET 1977 B 633
PORTO PAGO

ANO XXI 25-8-1977
(Preço avulso: 5\$00) N.º 637

Composição e Impressão
«GRÁFICA EDITORA»
Av. João Ferreira da Maia, 20
Telef. 92091 RIO MAIOR

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO
José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração
GRÁFICA LOULETANA
Rua da Carreira
Telef. 6 25 36 LOULÉ

Quando à hipocrisia e à desvergonha se juntam a incompetência e a cumplicidade

Moatize, em Moçambique, será para muitos portugueses apenas o nome de uma mina onde há poucos dias morreram cerca de 150 mineiros e nove técnicos europeus, oito dos quais portugueses.

Para esses muitos portugueses que apenas retiveram na memória o que as agências da (des)informação cá do sítio quiseram pintar segundo as cores que na ocasião lhes pareceram mais prudentes e oportunas, tratou-se de um mero acidente de explosão numa mina, ocorrência que não encerra em si nada de novidade, menos ainda o facto de oito portugueses figurarem como vítimas, sabida como é a presença de bastantes técnicos nacionais em terras moçambicanas, uns que ficaram, outros que cá estavam no desemprego e tentaram a chance de ganhar umas coroas, outros ainda que para lá foram por «solidariedade proletário-internacionalista».

Aparentemente, também, as hostes governamentais teatralizaram uma solicitude hipócrita espalhafatando uma grande azáfama no sentido de

averiguar imediatamente a identidade dos portugueses «mortos», coisa que, pensaram, deveria cair bem no gosto do «bom povo» que desgovernam minoritariamente, conhecida como é esta psicologia nacionalista de sentimento de solidariedade para com os compatriotas, estejam eles onde estiverem, mais a maior envolvidos numa situação trágica como era o caso.

Esqueceram-se as ditas hostes governamentais, ou omitiram-no deliberadamente, — recessos das fúrias australopitecas do ditador Machel — de especificar o que significava a palavra «mortos» do comunicado que tão solicitamente emitiram.

É que, para todos os portugueses para quem Moatize, mina de Mo-

(continua na pág. 7)

Falando com José Batista sobre as Festas de Verão de Loulé

Com o fito de congregarmos as impressões mais fidedignas por quem, integrado na comissão organizadora das Festas de Verão de Loulé, se embrenhou na sua preparação, desde os seus primórdios até à sua ultimização, contactámos com o conhecido ilustrador e decorador José Batista, residente e natural desta vila.

Como se sabe, Loulé é bastante conhecido através do Carnaval, mas esteve em vista criar mais um polo de atração. Por ser o primeiro ano estas festas constituíram uma experiência em muitos aspectos, tanto no seu lançamento como na floração, decoração, electrificação dos carros, etc.

Voz de Loulé — Pode-nos confiar as suas impressões pessoais sobre as Festas de Verão?

José Batista — Estas festas podem ser analisadas de vários ângulos. Sobre as finalidades por exem-

plo, era desejo da Câmara utilizar a época de verão e trazer da costa para o interior uma massa grande de forasteiros. Isso foi plenamente conseguido dada a avultada afluência verificada.

Como se sabe, Loulé é bastante conhecido através do Carnaval, mas esteve em vista criar mais um polo de atração. Por ser o primeiro ano estas festas constituíram uma experiência em muitos aspectos, tanto no seu lançamento como na floração, decoração, electrificação dos carros, etc.

V. L. — Sobre a programação, que se lhe oferece dizer?

J. B. — Dando uma olhada ao programa constatamos que havia três fulcros de atrações neste festival. O primeiro que era a exibição de vários ranchos folclóricos, todos eles da zona do Algarve e também a estreia do nosso próprio rancho folclórico. É facto sabido que mesmo os naturais de cá dão muito apreço às manifestações folclóricas, isto não falando nas outras pessoas que vêm de fora de outros países.

(continua na pág. 6)

AOS NOSSOS ASSINANTES NO ESTRANGEIRO

Considerando os elevadíssimos encargos que estamos suportando com o pagamento de taxas aos C.T.T. para fazermos expedir «A Voz de Loulé» para o estrangeiro, muito agradecemos aos nossos dedicados assinantes aí residentes o especial favor de não demorarem com a remessa da importância correspondente ao custo da assinatura, pois só assim podemos continuar mantendo o nosso firme propósito de sermos o elo de ligação entre Loulé e aqueles que, por força das circunstâncias, algum dia deixaram o torrão natal em procura de melhores dias.

Este nosso apelo é especialmente dirigido aos que se encontram em atraso, facto que nos causa imensas dificuldades.

Sugerimos por isso que escrevam aos seus familiares que procedam ao pagamento das assinaturas na nos-

sa redacção ou nos enviem cheques correspondentes aos valores em débito.

Para facilitar o cumprimento des-

(continua na pág. 7)

RESULTADOS FINANCEIROS DAS FESTAS DE VERÃO

Relativamente à venda de bilhetes para ingresso no recinto das Festas de Verão de Loulé, foram estimados os seguintes valores:

No primeira noite 175 contos; na segunda 200 contos; e na terceira 80 contos, o que perfaz um montante de 455 contos.

É claro, temos de nos interrogar: — que receita se obteria se as inúmeras «borlas» tivessem ido às bilheteiras?

Segundo nos revelou uma fonte insuspeita, alguns dos porteiros também «colaboraram», com uma cúmplice amigável pancadinha nas costas, flanqueando as entradas!

«Diário de Lisboa» ataca «A Voz de Loulé»

O «Diário de Lisboa», que, nos tempos de Joaquim Manso, foi um dos mais conceituados órgãos da imprensa e que hoje é mais conhecido pelo «Pravda de... Lisboa», é

(continua na pág. 7)

Retrospectiva alusiva às Festas de Verão de Loulé

As Festas de Verão de Loulé, ficaram para trás no tempo transcorrido, assinaladas nas já viradas folhas do calendário, e não são mais agora do que reminiscências e recordações naturalmente vivas e ridentes que povam a memória de quem teve a dita de as contemplar e usufruir do seu esfusante sortilégio decalcado (muito atilada e habilmente) no imemorial e sadio tradicionalismo popular algarvio.

Embora com efeito, no rol dos eventos culminados, dos que esmaltam e enaltecem o historial desta voluntaria vila, a sua narração e o seu significado pertencem por inteiro à crónica que a reterá, cristalizada, sob a credencial do indelével.

Para já e como intróito se deve frisar, que as Festas de Verão, pela primeira vez realizadas nesta vila, pretendem seguir as pisadas de outras iniciativas já enraizadas de longa data, como seja a «Batalha das Flores», no Carnaval, onde a par da alegria folgazã e burlesca se misturam a graça e o pri-

mor dos carros alegóricos, exelentemente adornados.

Mas se esta tem por lema a alacridade de uma legenda de fundas origens que tão bem se casa com o feitio expansivo e por vezes histriónico do nosso povo, as Festas de Verão, com fundamento nas suas curiosas manifestações artesanais e folclóricas prugnam completar o cartaz algarvio de atrações, centrado no fascínio das praias onde tu-

(continua na pág. 2)

Subsídio avultado para reparação de habitações degradadas

Pelo Fundo de Fomento de Habitação foi atribuído um importante subsídio de 60 mil contos para reparação de habitações degradadas no Algarve.

OITO AMBULÂNCIAS ENTREGUES PARA SERVIÇO NO VERÃO

Pelo dr. Rocha da Silva, director do Serviço Nacional de Ambulâncias, foram entregues, no passado dia 30 de Julho, oito ambulâncias destinadas à prestação de assistência aos acidentes, durante os meses de Agosto e Setembro.

As ambulâncias referidas foram escaladas para V. Real de Santo António, Tavira, Bombeiros Voluntários de Faro, Albufeira, Messines, Hospital de Portimão e Lagos.

BANDA ARTISTAS DE MINERVA

A Banda Artistas de Minerva, a única banda existente em Loulé, mais vulgarmente conhecida por «Música Nova», tem andado numa

(continua na pág. 2)

QUATRO ESTRADAS

sinônimo de engarrafamentos

São bem notórios os engarrafamentos que se dão nesta época do ano nas Quatro Estradas, cruzamento da estrada Loulé-Quarteira sobre a auto-estrada que liga a Faro.

Como é sabido o incremento do tráfego neste período do Verão atinge notáveis índices.

Acontece entretanto que beneficiando a referida via principal de prioridade de passagem, poucas deixas concede a perpendicular Loulé-Quarteira, o que provoca monumentais e perturbadores congestionamentos, mais frequentes do que o razoável e o compreensível, em especial quando na ausência de sinalizações.

Assim, atendendo às horas de maior frequência seria conveniente os serviços quase permanentes dos prestimosos sinaleiros, que na certa minorariam sensivelmente a falta de uma obra de arte (seria esta a solução mais eficaz) e a avultada concorrência de viaturas nas citadas rodovias.

Quem providencia?

RETROSPECTIVA ALUSIVA ÀS FESTAS DE VERÃO DE LOULÉ

(Continuação da pág. 1)

ristas de todas as procedências gozam revigorantes férias.

Foi assim, como chega e como adicional de circunstância ao contexto sazonal algarvio que as Festas de Verão se inseriram filiadas que foram a uma estratégia norteada para a deslocação turística da orla marítima para o interior.

Face às decorrências constatadas pode-se afirmar que os factos corroboraram o acerto desta óptica e que as apostas feitas sobre a capacidade organizadora louletana foram abundantemente compensadoras e por isso incentivadoras.

Assim se conjugaram, afora algumas diminutas falhas se pode dizer pouco notórias, as finalidades e os atributos inspirados essencialmente na gama de manufaturas locais, das mais diversificadas do Algarve, e nas danças de cunho regional que não cansam angariar crescente notoriedade.

Para que as Festas de Verão se revestissem de maior lustro não se poupa a Comissão Organizadora a emoldurar o cenário constituído pela Avenida José da Costa Mealha com a ornamentação mais adequada.

Ao longo desta artéria foram não só montados stands, barracas e tablados, como também, postes devidamente engalanados, iluminação e elementos decorativos de vistosa urdidura.

Forçosamente temos de realçar as entradas que serviram de capas ilustrativas do enorme recinto. Na entrada, junto ao Largo Gago Coutinho a sua concepção baseou-se nos traços estilizados da arquitetura mourisca (colunatas a sustentar arcos moíris e cúpulas ponteadas encimadas pelo quarto-crescente); e no lado da Avenida, confinante à Campina, um vasto e sugestivo painel, tendo por temática evocadora o ramo florido das amendoeiras, a chaminé típica da região e a serrana montada no seu gerico. Tudo de grande poder imaginativo e de proporções avantajadas, só que não concordamos com a ordem seguida na sua implantação.

Quanto ao mais, a feira-amostra de artesanato funcionou em pleno atraindo a cada um dos stands compactas aglomerações de visitantes que tiveram ocasião de presenciar ao vivo, as diversas manufaturas de artigos de olaria, cobre, palma, esparto, etc.

Nesta feira-amostra ocuparam também lugar os stands representativos das aguardentes, doçarias e empereitas, não faltando o stand afecto ao turismo.

Na tablado, exclusivamente preparado para o efeito, estreou-se auspiciosamente o Grupo Folclórico Infantil de Loulé, e actuaram de forma a merecerem rasgadas ovacões os ranchos Barlavento do Hotel Meia-Praia, dos Pescadores de Cabanas de Tavira, de Alte, de Faro e de Moncarapacho.

A acompanhar o deslumbrante des-

file de duas dezenas de carros floridos e iluminados, exhibiram-se com grande alarde e animação a fanfarra dos Bombeiros Voluntários de Lagos, a Banda Filarmónica Artistas de Minerva, que caprichou e brindou a assistência com a execução de marchas e música populares.

Actuou ainda brilhantemente o Quinteto Castigo Algarvio.

Para completar o número de atrações não faltaram é claro as barcas de comes e bebes, que atraíram imensa clientela, e ainda uma pista de baile extraordinariamente concorrida, na qual os pares mataram saudades das danças «fora de moda».

As Festas de Verão de Loulé, arrulado que foi o seu perfil, acabaram por amealhar a esperada afluência de visitantes que de diversos pontos do Algarve e do país ali convergiram.

Apesar das dimensões do recinto, que se pode dizer abarcou a maior parte da principal arteria de Loulé, foi bem visível a maciça presença de circunstantes que, contagiados pelo ambiente deveras impressionante, realçado pelos altifalantes e conjuntos, deram largas à sua alegria, entusiasmo e comunicabilidade, concedendo a este marcante acontecimento a merecida consagração e pleno êxito de que aliás se fez justificado credor.

Loulé está de parabéns e pode felicitar-se.

J. C. Viegas

ST.º CATARINA
DOS QUARTOS



AGRADECIMENTO

MARIA DAS DORES
CAVACO

Sua família, desejando evitar qualquer falta involuntária, por desconhecimento de moradas e ilegitimidade de assinaturas de todas as pessoas que, de qualquer forma, compartilharam da sua dor, vêm tornar público o seu mais profundo reconhecimento a quantos se interessaram pelo estado de saúde da saudosa extinta durante a doença que a vitimou e bem assim a todos aqueles que a acompanharam à sua última morada.

Sua família, desejando evitar qualquer falta involuntária, por desconhecimento de moradas e ilegitimidade de assinaturas de todas as pessoas que, de qualquer forma, compartilharam da sua dor, vêm tornar público o seu mais profundo reconhecimento a quantos se interessaram pelo estado de saúde da saudosa extinta durante a doença que a vitimou e bem assim a todos aqueles que a acompanharam à sua última morada.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para sublinhar o acto inaugural da feira e desfilar vibrantemente pelas suas ruas.

No dia seguinte, a 13, esteve em Monte Negro, desta feita para

OS «PORQUÊS» DUMA ATITUDE PASSADOS EM REVISTA POR FERNANDO BARRACHA

Sabedores de certas omissões dadas no sector do artesanato, durante a vigência da feira-amostra, procurámos o sr. Fernando Barracha, componente da comissão organizadora, a fim de nos dar a conhecer a sua opinião pessoal sobre o caso.

Aqui registamos pois, as declarações de sua autoria, fazendo-o naturalmente com a imparcialidade de peculiar dum orgão de informação que por dever deontológico e de ofício ausculta todas as verões desde que devidamente credenciadas.

Eis, o que o sr. Barracha nos confiou, depois de inquirido sobre o assunto:

— Conforme expliquei na entrevista com a Emissora Nacional, o artesanato puro do Concelho de Loulé iria ser representado na feira-amostra, como testemunho dos predicados desta terra.

Aconteceu que houve uma falazinha no sábado, dia 13. Faltou o homem que ia fabricar os cestos de cana e além disso verificou-se depois uma outra falha. Esta respeitante à aparição de peças-máquina numa barraca destinada a artesano de cobre local.

Portanto, nada de artesanato. Além do mais não foram fabricadas no Concelho de Loulé.

Por essa razão fui obrigado a abandonar a feira e a deixar de pertencer à comissão, por não concordar com o que se passou.

Ora tendo eu, como já frisei, sido entrevistado pela Emissora Nacional onde garanti que a feira-artesanato em Loulé era constituída por artigos do mais puro artesanato do Algarve, sendo até difícil de se organizar outra do género tão perfeita, verifiquei, posteriormente, que haviam concedido autorização à exposição de taças que nada tinham a ver com o artesanato local nem por semelhança. Declaro, entretanto, que este princípio do artesanato genuíno, como artesão, tenho vindo sempre a defender há muitos anos.

Ora, como responsável, protestei sobre este facto, mas até à uma hora da madrugada nada foi resolvido sobre este assunto.

Atendendo ao compromisso assumido, não podia condescender com tal procedimento. E como não podia apoiar isso, e uma vez que o foi consentido pela Câma-

ra a quem eu considero responsável por aquilo que se passou, eu fui obrigado a entregar a minha pasta de membro da comissão, não aceitando a voltar lá mais.

Mas, mais vergonhoso foi que, no dia seguinte foi colocado no mesmo local onde eu já tinha exposto o mais puro artesanato em cobre, do pouco que há do país, em sua substituição, peças que não deviam ter aparecido na feira de artesanato, nem tão-pouco se deveriam ter mostrado. E lá foram preparadas duas barracas com cobres que nada tinham que ver com artesanato.

Ora isso foi chocante para mim, como também uma falta de consideração pelo povo visitante.

Devido a essas razões pelas quais eu fui obrigado a desistir da feira-amostra, originaram-se porventura mal-entendidos. Muita gente me tem perguntado por que razão isso aconteceu. Ora isso só a Câmara, isto é o sr. presidente, o pode explicar, visto que lhe foram expostos na devida altura todos os esclarecimentos. Não quis levar em consideração. Não quis ver que não podia ser assim, não pretendeu melindrar fosse lá quem fosse. Pois afinal foi melindrar a comissão.

Também posso adiantar que não me lembro de uma entidade oficial dar tão pouca colaboração como a Câmara deu.

Quando, nós trabalhámos, há muitos anos com o Hospital, tudo

quanto dizíamos, tudo procuravam resolver.

Trabalhamos para o engrandecimento da Vila e mostrar o que se pode fazer. Mas observámos a grande má vontade daqueles que trabalham na Câmara. O presidente do Município pôs tudo à disposição, não há dúvida nenhuma, mas terá de haver boa vontade e a boa vontade dos funcionários da Câmara foi muito escassa.

J. V.

VENDEM-SE

NO CONCELHO DE LOULÉ:

Courela de regadio, algum sequeiro com arvoredo, casas de habitação e instalações agrícolas no sítio do Vale, freguesia de São Clemente (a 1 Km da Fábrica Marina), área 3,0270. Grande abundância de água para rega.

Talhões de terreno, construção urbana, nas Escanchinhas, freguesia de Almancil, junto à Estrada do Vale Lobo.

Courela de barrocal com alfarrobeiras e amendoeiras, na freguesia de Boliqueime.

Trata: António Chagas (advogado), Telefs.: 22187 e 22121 — CASTRO VERDE e 62542 — LOULÉ.

QUARTO

Senhora viúva, tem quarto livre para alugar a senhora ou menina.

Nesta redacção se informa.

VENDE-SE EM QUARTEIRA

Duas moradias, uma com terreno para construção. Trata o próprio na Rua do Farol — Casa do Prof. Porfírio — QUARTEIRA.

PRETENDE-SE APARTAMENTO

Aluga-se pequeno apartamento, com uma a duas assoalhadas, em Loulé.

Resposta à Av. José da Costa Mealha, 110 ou pelo Telefone 62931 — LOULÉ.

(2-2)

PARQUET (TACOS) MUSSI BI DE 1.a

Vende-se também uma betoneira nova e materiais de Construção.

Amândio & Cavaco — Av. da Liberdade — Telf.: 42487 — S. BRAS DE ALPORTEL.



APARTAMENTOS

Vendem-se com 2, 3, 4 e 5 assoalhadas de luxo, em S. Brás de Alportel, Loulé e Quarteira. AMÂNDIO & CAVACO.

Av. da Liberdade — Telefones 42387/42433 — S. BRAS DE ALPORTEL.

NOTÍCIAS PESSOAIS

PARTIDAS E CHEGADAS

Tivemos o prazer de abraçar em Loulé o nosso velho amigo e assinante dedicado, sr. Coronel Norberto Luís dos Ramos.

— Acompanhado de sua esposa, sr.ª D. Maria das Dores Santos Lamas, esteve na nossa redacção o nosso prezado assinante e amigo, sr. José de Sousa Lamas.

DR. SILVA MARTINS

Tivemos o prazer de abraçar esta redacção o nosso prezado amigo e conterrâneo Dr. Silva Martins, um homem que há anos partiu de Querença com a 4.ª classe e que, graças a uma inquebrantável força de vontade e inteligência, conseguiu concluir o seu curso de Direito, em Paris, onde é o único português entre 5 jornalistas estrangeiros que acompanham o Presidente francês nas suas deslocações.

Silva Martins trocou agora a bucólica Paris para repousar alguns dias na sua querida terrinha natal: Querença.

MANUEL CORGA

Também nos deu a alegria da sua visita o nosso conterrâneo e estimado amigo, sr. Manuel Corga, outro louletano que há anos partiu do Arieiro e que em terras da Venezuela venceu na vida lutando por um futuro melhor.

Apesar de possuir uma mediana instrução, Manuel Corga tem revelado uma elevada capacidade literária no serviço do jornalismo português naquele próspero país e também como locutor da rádio, contribuindo assim para um melhor entendimento e solidariedade entre os milhares de portugueses que escolheram Venezuela como a sua 2.ª pátria.

Manuel Corga é redactor do semanário «Voz de Portugal» que se publica em Caracas.

VENDE-SE EM QUARTEIRA

Moradia, c/ 5 divisões e terraço na R. S. João, 34 — Quarteira. Informa os telefones 26356 (Faro) e 80 (V. R. Santo António).

(2-1)

CAIXA DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA DO DISTRITO DE FARO

AVISO

Torna-se público que nos termos do artigo 9.º da C.C.T. e considerado o parecer n.º 32/76 Circular 231/76 da Direcção Geral da Previdência, está aberto concurso externo pelo prazo de 15 dias para o preenchimento de 1 vaga de:

TÉCNICO DOS SERVIÇOS JURÍDICOS OU DE CONTENCIOSO

Os interessados deverão entregar os seus requerimentos na Secção de Pessoal desta Instituição, donde conste a sua identificação completa, data da conclusão do curso, e classificação final.

Faro, 11 de Agosto de 1977.

A COMISSÃO ADMINISTRATIVA
José Júlio Neto Viegas — Vogal

FALECIMENTOS

Faleceu inesperadamente, há dias em Faro, a sr.ª Dr.ª Maria da Conceição Sintra, natural de Lagos, professora da Escola Industrial e Comercial de Faro, que contava 53 anos de idade.

Era filha da sr.ª D. Maria da Conceição Patinha Sintra (já falecida) e do nosso prezado amigo e assinante, sr. Baldoniro Gonçalves Sintra, residente em Lagos.

A saudosa extinta deixou viúvo o sr. dr. Manuel Silva, médico psiquiatra e era irmã da sr.ª Dr.ª Maria Regina Sintra Delgado, professora do ensino liceal, em Loulé, esposa do nosso dedicado assinante e amigo, sr. Dr. Angelo Delgado Guerreiro, médico nesta vila.

— Faleceu em Lisboa, inesperadamente, o nosso conterrâneo, sr. Manuel Palminha Mendes, agente comercial, de 61 anos de idade.

O falecido, muito considerado pelos seus dotes de carácter, era casado com a sr.ª D. Maria da Conceição Rodrigues Alves e pai da sr.ª D. Maria Eugénia Mendes Alves.

O funeral saiu da igreja da Boa Hora para o cemitério de Faro.

As famílias enlutadas endereçam sentidas condolências.

TÁXI VENDE-SE

VENDE-SE APARTAMENTO

Com 4 assoalhadas e garagem, situada na Rua David Teixeira, 226 — Loulé, sem inquilino.

Tratar com Manuel Costa Guerreiro — Clareanes — LOULÉ.

TERRENO VENDE-SE

Com 31×30 m. Total ou parcialmente, situado na Rua Quinta de Betunes — LOULÉ.

Tratar com José João Válio Estevens — Telefones: 62292, 62041 e 62054.

SEBASTIANISMOS

Apreciável alarido rodeou a publicação, por parte de um semanário lisboeta, de uma fotografia do antigo chefe do governo, dr. Salazar.

Curiosamente, a indignação afirrou-se, desta vez, a partir de 6rões da mais diversificada orientação ideológica, alguns dos quais até, de acentuado cunho conservador, e isto não obstante o facto de, no mesmo número em que publicava a controversa fotografia, o mesmo jornal tecer duras críticas à forma como o discutido estadista encarou a sua inevitável sucessão, a ponto de o responsabilizar pela tragédia nacional que hoje, com crescente apreensão, amargamente vivemos.

Lamentavelmente, o exercício de quase dois anos de democracia não deu ainda, a um assinável número de políticos, a verdadeira noção, quer em extensão, quer em profundidade, da autêntica democracia. Na verdade, em democracia não há tabus. As coisas são o que são e as ideias, essas discutem-se, rebatem-se, mas não se ocultam. Lamentavelmente, não é isso que fazem alguns dos mais ardorosos corifeus da jovem democracia portuguesa. Lamentavelmente, continua a assumir-se, com desanimadora frequência, a atitude característica do avestruz assustado. Lamentavelmente, o fariseu continua a imperar na vida política portuguesa.

Lamentavelmente... vejamos porquê.

Existe uma deformada noção de democracia porque, para além da apaixonada apreciação que possa fazer-se à sua figura e obra, o Dr. Salazar pertence, quer queiram quer

LIVROS NOVOS

AMAR E MATAR

Jean Genet não é um autor desconhecido do público português. O seu livro «Diário de Um Ladrão» (a sua estreia em Portugal) já passou pelas mãos de largos milhares de leitores.

«Amar e Matar», naturalmente, seguirá as passadas do romance anterior. Não é, porém, um livro para todos os públicos. Não porque seja um romance de leitura difícil, mas porque toda a obra de Jean Genet é como que um palco do mal e da morte. «O seu mundo é o reverso do nosso mundo, o nosso inferno é o seu paraíso». E é nesse mundo, iluminado pela luz da sua arte e pelo lírico da sua poesia, que Genet apresenta os seus personagens, os seus heróis. Heróis que em geral não o são nos romances — assassinos, ladrões, prostitutas, homossexuais... — celebrando os ritos da religião do crime, as festas do sexo, o ritual da traição, a cerimónia do homicídio.

Autor: Jean Genet.

Editor: Publicações Europa-América.

A DOENÇA CONJUGAL

Não é este livro mais um trabalho sobre as dificuldades dos casais. Não estamos perante um livro de receitas para ter uma vida conjugal harmoniosa. Não estamos perante um *livrinho* sobre os problemas da vida do casal.

Estamos, sim, perante um dos mais sérios trabalhos que já se publicaram sobre uma nova espécie de doença que a medicina ainda mal aflorou e que, no entanto, é tão frequente ou talvez mais do que a gripe.

Não é este um livro moralizante; é, sim, um livro que poderá dar um largíssimo contributo para aliviar o sofrimento de tantos que se sentem mal e muitas vezes não conseguem identificar as causas do seu mal.

Um livro que não pode, de modo nenhum, ser ignorado pelos médicos e que deverá ser lido por todos os casais (sofrendo ou não de doença conjugal).

Autor: Gilbert Tordjman.

Editor: Francisco Lyon de Castro/ Publicações Europa-América.

Meditações à hora do café

não, à História de Portugal. A sua evocação, seja sob a forma escrita, seja sob a forma fotográfica, seja ainda sob a forma fonográfica, não deveria suscitar qualquer temor por parte de quem tem (ou deveria ter) a consciência lavada. E se é verdade que o atávico sebastianismo lusitano vem acentuando a projeção histórica do homem que durante 36 anos teve nas mãos a condução da vida nacional, pois que se empenhem os políticos actuais em procurar desvanecer essa projeção, não à custa da crítica caluniosa, mas sim através de exaustivo trabalho em prol do bem comum já que, se o confronto entre o presente e o passado próximo se revelar positivo, rapidamente se diluirão as tendências sebastiânicas.

Existe uma irreprimível vocação para decalcar a atitude do avestruz amedrontado porque é enfrentando corajosamente os problemas que se pode aspirar à sua resolução a qual não surgirá, certamente, da hábil e cautelosa preocupação de iludir os problemas. Aquelas que se familiarizaram com o mundo animal conhecem as desastrosas consequências que o avestruz alcança com aquela conhecida prática.

Existe fariseísmo, quando se assiste à reacção indignada dos detentores do poder (com intervenção policial e tudo) contra a publicação de uma simples fotografia — ainda que de figura política suscetível de ásperas críticas — e se encolhem os ombros de indiferença perante a publicação de imagens veneradoras de notórios criminosos (Carlos Marighella é autor de um manual de guerrilha urbana cujos propósitos foram bem claros) e, ainda bem recentemente se consentiu a proliferação de cartazes alusivos ao julgamento de Rui Gomes, onde a dignidade ao poder judicial é simplesmente espezinhada.

Em que ficamos, afinal? Não existindo razão para se ter medo dos mortos, parece haver medo das ideias de alguns deles. Mas será que através de uma simples fotografia se podem veicular ideias?

Não será a atitude de intransigente combate à memória do Dr. Salazar um caso de sebastianismo?

Não se estará assim a contribuir, paradoxalmente, para o aprofundamento da veneração do velho político?

E se, ao invés, se virassem as costas àquilo que o passado teve de mau e se procurasse apenas construir (bem penosamente, é certo) um futuro melhor?

F. Rebello

PORQUÊ O DESORDENADO TERMINAL DE AUTOCARROS EM QUARTEIRA?

Os zunzuns e as queixas vêm subindo de tom, do mesmo modo que o desordenado ou incerto terminal de autocarros de Quarteira, em ligação com as carreiras de Loulé, vai perdurando sem que ninguém cobre.

É isto o que nos afiançam certos utentes destas carreiras que ao pretenderem tomar lugar de regresso a Loulé verificam a balbúrdia que o público estabelece quando o autocarro estaciona afastado das bichas formadas.

Há corridas, há atropelos, há enfim um «salve-se quem puder» que não respeita seja quem for, mulheres grávidas, crianças e velhos.

Ora, batatinhas para a empresa concessionária. Não lhe merece o público que é seu cliente e que lhe dá de ganhar mais consideração?

Porque não organiza o terminal, as paragens certas e corredores laterais de tubos de molde a disciplinar a entrada nos autocarros?

A pergunta aqui fica de pé. Esperamos a resposta em termos convincentes.

Estou sentado no café. Bebo a minha tradicional bica e encosto-me um pouco a fumar o meu cigarro. Ao meu lado, vários sujeitos discutem acasos: política, futebol, tourada, e mulheres.

Admiro a pacífica aceitação desta gente. Segundo eles a criminalidade aumenta, a «vadiagem» sobe assustadoramente. Começo a pensar nisto e chego à conclusão de que eu próprio faço parte desta «vadiagem», segundo esta ordem de ideias. Tenho 20 anos e não tenho emprego. Trabalhei quase durante um ano no Tribunal Judicial de Loulé, sem qualquer remuneração e não fui o único a trabalhar nestas circunstâncias. Pergunto a mim mesmo, porque é que o Ministério da Justiça não subsidia as pessoas que trabalham nesta situação de estagiário, em vez de colocar mais tarde, nesses mesmos postos de trabalho, pessoas que do assunto pouco ou nada percebem. Claro, que neste caso e como em muitos outros a primazia de colocação é dada a pessoas vindas das ex-colónias. Reconheço que a situação dessas pessoas é imensamente crítica mas o próprio governo não deveria preocupar-se única e exclusivamente com estes casos, porque todos temos direito a trabalho. Há casos em que apenas os chamados retornados têm direito a postos de trabalho para os quais muitas vezes não estão de modo algum habilitados. Pergunto: e nós? HAJA DEMOCRACIA.

É neste conceito que eu próprio não me consigo inserir na chamada

«vadiagem». Posso ser vadio, porque não trabalho, mas sou obrigado a ser vadio, porque não tenho emprego. Sou solteiro mas se por acaso fosse chefe de família, não sei se me sujeitaria a esta situação, do mesmo modo que agora.

Apenas garanto que os meus filhos não passariam fome.

Quanto ao aumento de criminalidade, parece-me que tudo isto foi causado pelo 25 de Abril. Não quero com isto dizer que sou contra a Revolução; apenas penso que o povo não estava preparado para ela, porque muitos creem que a liberdade de que o 25 de Abril nos trouxe é fazer tudo o que lhes dá na real gana. Acho também que se houvesse mais postos de trabalho, não haveria tantos roubos, crimes e assaltos.

Claro que tudo isto, são meros pontos de vista.

É engraçado anotar que desde 1975, estou inscrito no Serviço Nacional de Emprego e até hoje, não recebi qualquer ajuda seja em que sentido for. Lamento tudo isto e muito mais a minha situação pessoal de não ter «padrinhos» ou «madrinhas» que já me teriam arranjado um óptimo lugar, caso os tivesse.

Tristemente, sou obrigado a chamar a tudo isto «Serviço Nacional de Desemprego». Estive a estudar seis ou sete anos para arranjar uma situação um pouco melhor que a dos meus pais não me parece certo, empregar-me como servente de Pedreiro (único lugar que o S. N. E. me falou) quando sei que há lugu-

res muito mais compatíveis com as minhas habilidades. Apenas não sou «Retornado» e aí está o problema da questão.

Tudo isto é desagradável e degradante, mas mais desagradável ainda é a triste sociedade em que vivemos. Todos sabem criticar, todos sabem destruir, mas ninguém é capaz de ajudar seja quem for.

Paro com as minhas tristes medições, olho para o lado e verifico que o tema da conversa já mudou. Falram de política.

Lembro-me de casos (tão normais na nossa terra), de pessoas a precisarem urgentemente de tratamento médico, enquanto os nossos doutores discutem banalidades à mesa de um café.

Claro que isto refere-se mais directamente à Caixa de Previdência na qual se passam casos imensamente ridículos. Conheço pessoas, a curto prazo, necessitadas de cuidados médicos que só conseguem consulta na referida Caixa de Previdência, bastante tempo mais tarde ou seja quando já estiverem enterradas. Torno a perguntar: quando teremos neste País uma assistência médica, plena de consciência pelos seus doentes? Para quando?

Isto faz-me lembrar um amigo que tenho em Santa Comba dão que me escreveu há pouco dizendo que ninguém consegue dormir, devido às garrigalhas que Salazar dá na covinha.

Estou saturado. Pago a bica e deixo-os em paz. Mais uma vez vou procurar emprego.

A. CARLOS

CARTA DA VENEZUELA

RESPEITAR A NACIONALIDADE NÃO É ESQUECER A DESCENDÊNCIA

A raça Lusitana está espalhada pelos cinco continentes. Os nossos antepassados foram os mais audazes navegantes e descobridores. E, das gerações actuais, somos os mais aventureiros imigrantes.

A imigração portuguesa tem ajudado ao progresso de algumas das nações mais desenvolvidas do mundo. A mão de obra portuguesa, é elogiada por todos os que verdadeiramente a conhecem. A honestidade e capacidade criadora, são dois baixantes que nos distinguem. Todas estas qualidades são constantemente invocadas quando falam da nossa raça. Mas, estas são as qualidades que interessam a todos aqueles que precisam do nosso trabalho. No entanto, para verdadeiro orgulho da nossa nacionalidade, deveríamos respeitar mais a nossa descendência e ensinar os nossos filhos a que a respeitem. Pois, quando não somos bons cidadãos da pátria de origem, muito menos seremos de qualquer pátria adoptiva».

Dá tristeza ver o pouco patrio-

tas que são alguns dos nossos compatriotas aqui residentes. Alguns, chegaram até a tratar de negar que são portugueses, simplesmente por interesses comerciais ou por não lhe agradar algum dos governos de turno.

Já sabemos que, devido a certas leis com o objectivo de resguardar a soberania nacional venezuelana, levou muitos dos que aqui trabalharam, a mudar de nacionalidade. Mas, não quer dizer com isso que devemos renunciar à nossa origem. Podemos ser bons cidadãos adoptivos deste país, sem deixar de querer a pátria que nos viu nascer. Podemos ensinar os nossos filhos a amar a pátria onde nasceram, e ao mesmo tempo recordar-lhes que são descendentes de portugueses.

Não está de mais, que uma das línguas aprendidas pelos nossos filhos durante as suas primeiras instruções, seja a portuguesa. «O saber não ocupa lugar».

Os que pensam que a nacionalização muda totalmente a origem, estão errados. A nacionalização pode ser uma condição transitória ou permanente, mas a descendência sempre perdura e ressalta.

Durante a nossa permanência neste planeta, devemos querer e respeitar mais o cantinho onde nasceremos. «Podemos perfeitamente ter uma pátria na mão e outra no coração».

MANUEL CORGA

PROIBIDO FUMAR

A proibição de fumar nos recintos cobertos, durante a realização de actividades desportivas, entrará em vigor, a partir de 1 de Outubro do ano corrente, de acordo com um despacho exarado pelo secretário de Estado da Juventude e Desportos, publicado no «Diário da República».

A decisão é fundamentada em motivos prejudiciais «que resulta, para praticantes e para os próprios espectadores, do uso do tabaco».

A vergonha das vergonhas...

De um anúncio do «Diário de Notícias», de 14-5-77: «Rapariga precisa-se: Para fazer cinema. Condição indispensável: estar disposta a ser «amante» do realizador. Resposta ao n.º...».

ESBANJAMENTOS GOVERNAMENTAIS

Enquanto na vizinha Espanha — país muito maior do que o nosso e com maiores problemas regionais, — Adolfo Suarez formou um Governo centrista só com 19 membros, Mário Soares deu-se ao luxo de nos brindar com um Governo de 63 membros (valha a verdade, um pouco menos do que o último Governo Provisório do almirante Pinheiro de Azevedo), que nos custa os olhos da cara, pois só o gabinete do Primeiro Ministro leva 4000 contos ao País!

UM PAÍS DE AMPLAS LIBERDADES

Afirma-se, e com incontestável razão, que a mais importante (quicá a única) virtude da revolução de 1974 foi a restituição ao povo português de algumas liberdades fundamentais.

Paradoxalmente, porém, o cidadão comum defronta-se com algumas limitações, que antes da revolução não o atingiam, e que parecem significar um retrocesso.

Senão vejamos:

Se é empregado por conta de outrem, não pode ganhar mais que o salário máximo nacional.

Se quer ir ao estrangeiro, não pode levar mais de 7 000\$00 (por enquanto).

Se tem uma exploração agrícola, não pode ter mais que o correspondente à pontuação criteriosamente estabelecida na reforma agrária.

Se tem uma empresa industrial não pode desenvolvê-la e ultrapassar o escalão das pequenas e médias empresas pois, de contrário, ninguém lhe olha para a cara.

Se quer deixar de andar a pé, é melhor pensar numa bicicleta de pedal (por exemplo) porque o automóvel só é para os ricos e os ricos, por obra e graça dessa revolução, acabaram.

Se é médico com boa clientela não pode trabalhar mais de 6 meses porque, para além deles, trabalha exclusivamente para a Fazenda Nacional que, ingrata, não lhe agradece nada.

Se foi presidente de uma junta de freguesia durante os ominosos tempos e, depois da revolução, se devotou ao trabalho em prol de uma sociedade nova que se pretende construir (e que parece que é esta), mesmo que o faça alheio a políticas e a politiquices, corre o risco de ser suspenso, durante 3 anos, sem direito a qualquer retribuição só porque, para além de todos aqueles pecados também é funcionário público.

Se tem rádio e televisor (mesmo com a taxa em dia) e se interessa em saber se nos chamados países progressistas continuam a verificar-se violações aos Direitos do Homem, está impedido de o saber porque coisas dessas só têm lugar, hoje em dia, na Rodésia, na África do Sul e no Chile.

Será este um país de amplas liberdades?

F. R.

CARTAS AO DIRECTOR

PARA QUANDO O ALCATROAMENTO DA RUA CAMILO CASTELO BRANCO?

De vários moradores da rua epigrafada recebemos uma carta que se expressa da seguinte maneira:

«Tendo já sido várias vezes entregue exposições neste sentido ao Senhor Presidente da Câmara devidamente assinadas pelos moradores daquela rua, parece-nos que já vai sendo altura de se tomar providências necessárias para que estas obras se concretizem antes do inverno.

Para aqueles que a não conhecem, basta dizer que é perpendicular à

Rua de S. Paulo, ou seja a rua da Central. É fértil em pedras soltas e vidros, etc. e onde é difícil penetrar um automóvel.

A tudo isto se junta a falta de luz, que é bastante acentuada.

Nestes termos solicita-se às entidades responsáveis para que esta artéria seja devidamente alcatroada, pois é uma rua relativamente pequena onde já existem bastantes prédios novos e que poderiam haver muitos mais se esta via fosse transitável».

Ao estado a que chegámos...

A «Revolução de Abril» até fez juiz um gatuno profissional

Com o pedido de publicação, recebemos do núcleo de Monchique do P. S. D. o seguinte comunicado:

«O Vereador José Manuel Amorim Rodrigues (e ex-Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Monchique) acaba por ser desmascarado e assim melhor se compreender toda a sua actuação destruidora e desonesta que sempre desenvolveu neste concelho.

A tomada das suas posições reportam-se ao que já foi:

—GATUNO DE AUTOMÓVEIS (pelo menos seis confirmados — rola os que «passaram») e ASSALTOS À MÃO ARMADA além de preso várias vezes por VADIAGEM.

Para quem após o 25 de Abril se «arvorou» em defensor do Socialismo apregoando «honestidades» e «justiça Social»... infelizmente demonstra bem até que ponto vai o OPORTUNISMO e o SÁDISMO da destruição que poucos, mas eficientes, fizeram neste País.

Peugeots era a sua especialidade.

«Caiu» em Monchique «pescado» numa tarde de Inverno mas nem por isso perde os hábitos adquiridos e, embora discretamente, continuou a explorar... e desta vez o Povo de Monchique.

Claro que mal se gerou a confusão lá estava o sr. Peugeot (Amorim) como sr. Presidente da Comissão Administrativa da Câmara (e até servindo de Juiz) com todos os seus «requisitos» aprendidos em tempos e não faltando as explicações e orientações do seu mestre sr. Deputado, defensor da Ditadura do Proletariado, mas «digno» representante do P. S.... seguindo os passos da

ex-Mocidade Portuguesa onde foi seu «ilustre» alto graduado!

Sempre senhor do seu papel de oportunista nunca perdia ocasião de falar em «defesa» do Povo (estava muito em voga)!

Claro que o sr. Peugeot nunca fala na sua «ficha técnica» donde constava a «brilhante» folha de serviços prestados à Nação!

CHEGA DE OPORTUNISMO NESTE PAÍS ATRAIÇOADO por Amorins, Peugeots, Deputados Socialistas defensores da Ditadura do Proletariado e um sem número de GATUNOS/TRAIDORES!

Senhor VEREADOR, se alguma dignidade de Homem e Gente ainda lhe RESTA não atraçõe mais o Povo que votou honestamente.

DEMITA-SE IMEDIATAMENTE e tenha o mínimo de Decência para com as gentes de Monchique e para com o Povo Português.

É o PVO DESTA TERRA que o exige — DEMITA-SE.

Monchique, 18 de Junho de 1977.

Núcleo do P. S. D. — Monchique

CUIDADO com os comprimidos

Ultimamente muito se tem falado de determinadas marcas de comprimidos que fazem mal à saúde.

Não seja médico por conta própria! Não tome o comprimido tal porque fez bem ao vizinho! Consulte o médico porque os vulgares Sardón, Optalidón ou Cornel, apenas para citar alguns, a que está habituado não são tão inofensivos como diz...

O assalto ao Monte da Bica em Lavre - Crime político

— Sou ladrão e sou cigano — foram as palavras proferidas pelo chefe dos cinco bandidos que assaltaram na sexta-feira, dia 29 de Julho, pelas 11 horas da manhã, o Monte da Bica, a 4 km de Lavre no concelho de Montemor-o-Novo.

Ele era ladrão — diz Francisca Isabel, de 74 anos de idade, encarregada do monte — mas não era cigano, porque sou da Golegã e conhecido bem a fala deles.

Este assalto à mão armada, do qual resultou a agressão ao agricultor Alberto Pinto Gouveia, de 32 anos de idade e o completo saque da sua residência, dir-se-ia mais um caso da vaga de criminalidade que assola o País, e que tem visado principalmente as zonas urbanas. Na realidade, este incidente tem um caráter diferente, e não temos dúvidas em afirmar o seu carácter político, de que a Imprensa não se apercebeu quando noticiou há dias os factos.

O Monte da Bica faz parte da área de reserva de 50 000 hectares de marcada em Fevereiro deste ano na herdade dos Arneiros de Baixo, e entregue para cultivo ao agricultor. A herdade tinha estado em poder da UCP Boa Esperança, de Lavre, desde a sua ocupação ilegal em Agosto de 1975.

Esta Unidade Colectiva comunista tem constantemente molestado o agricultor, inclusivamente desde a entrega da pequena reserva.

— Não façam mal ao meu patrão — disse Francisca Isabel chorando, sequestrada tal como outro trabalhador rural idoso. Sebastião Silva.

— Você está a acudir pelo seu patrão? — admirou-se um dos bandidos. — Pois estou; ele trabalha de manhã à noite, e é muito boa pessoa. — Se continua a chorar, meto-te uma bala na boca — ameaçou o assaltante.

Não há dúvida que neste golpe colaboraram indivíduos de Lavre, conhecedores do terreno. Os assaltantes conheciam as estradas de campo, tendo chegado ao monte por um caminho e fugido por outro, que lhes evitava um eventual encontro com a GNR. Eram-lhes conhecidos os movimentos dos empregados da herdade e do agricultor, que tinha ido a Vendas Novas levantar dinheiro do Banco para pagamento aos empregados no fim do mês.

Quatro deles estavam mascarados, ocultando a cara. Só o seu chefe tinha a cara descoberta e era o único que tentava falar espanhol. Empunhavam armas de guerra, carabinas e pistolas.

O agricultor chegou ao monte e foi agredido e sequestrado, tal como tinham sido já os encarregados. Seguidamente os bandidos saquearam a residência, roubando tudo o que de valor continha.

Deixaram indícios por todo o lado: um isqueiro esquecido, dedadas nas portas e até marcas dos dentes em maças de plástico que tentaram comer. Debalde o agricultor tem solicitado a presença da PJ para análise desses indícios.

Foi por acaso que um pastor da herdade se dirigiu ao monte para comunicar mais um roubo; de chapas de zinco do telhado de instalações. Os assaltantes tentaram fazer com que ele entrasse no monte.

Pensou o pior, isto é, que as pessoas da residência já tinham sido mortas, resolveu desobedecer e fu-

CARLOS DO CARMO IMPEDIDO DE CANTAR...

O conhecido cantor das glórias do PC, Carlos do Carmo, monopolista das canções do Festival da Canção da RTP em 1975, foi enviado à Venezuela pela Comissão do Dia das Comunidades Portuguesas para animar a malta.

Conforme lemos na imprensa, os portugueses que por lá mourem (e que já no ano passado não gastaram de terem arrancado o Dia de Portugal ao 10 de Junho) não o deixou pilar.

gir, pedindo socorro ao monte vizinho dos Arneiros, em poder da UCP, e onde se encontravam cerca de 30 trabalhadores rurais, alguns com espingardas.

Estes negaram-lhe qualquer ajuda. Recusaram, inclusivamente, telefonar para o posto da GNR de Lavre.

Instados pelo pastor afliito, resolvem posteriormente telefonar para a sede da UCP, em Lavre, que mandou avisar a GNR.

As cinco praças da GNR que prestam serviço neste posto têm, ao total, 2 bicicletas (não motorizadas) para se deslocarem numa freguesia que é maior que muitos concelhos do País. Desta vez deslocaram-se num automóvel emprestado ao Monte da Bica, donde os bandidos já tinham fugido, deixando o agricultor e os encarregados fechados em dependências.

É longa a descrição do que se tem passado nesta herdade dos Arneiros de Baixo, desde a data da ocupação ilegal.

Residindo no Monte da Bica, com a sua mulher e dois filhos de pouca idade, Alberto Pinto Gouveia suportou a ocupação selvagem da herdade em Agosto de 1975 — sózinho.

— Como sabe trabalhar bem com as máquinas, pode pertencer à UCP — disseram-lhe os ocupantes, que posteriormente retiraram o convite.

Após a ocupação continuou a residir no monte, sua única residência, sentando-se à porta, lendo, impassível perante a actividade dos ocupantes que dispunham dos seus bens; das máquinas, dos gados que levaram, e das instalações.

O seu pastor, sr. Mestrinho, tal

como a numerosa família deste trabalhador, recusaram fazer parte da UCP: foi alvo dum aгрессão, praticada de noite por cinco indivíduos, tendo sido hospitalizado em consequência dos ferimentos. Referindo-se aos incidentes de Santarém de Novembro de 1975, nos quais foi assassinado um jovem estudante, Francisco Teixeira, filho do agricultor da vizinha herdade do Pedrógão, a UCP enviou-lhe bilhetes informando que ele seria a próxima vítima.

Seguiram-se as tentativas para fazer sair o casal da sua residência: elementos da UCP vinham de noite acelerar as motorizadas para a porta do monte, para a família não poder dormir.

Em Fevereiro deste ano, um ano e meio após a ocupação, foi-lhe entregue a pequena reserva. A partir daí sucederam-se as agressões constantes, culminando com este cobarde assalto. Felizmente, a sua mulher e seus filhos estavam ausentes.

— Nestes últimos dias — diz Alberto Pinto Gouveia — cortaram, a machado, os canos de plástico que levam a água às instalações do gado; roubaram chapas de zinco; expulsaram o pastor que trazia as ovelhas numa pastagem a que tenho direito, segundo o acordo feito com a UCP no centro da Reforma Agrária; finalmente, sou vítima deste assalto. Além do trabalho do dia, terei de começar a patrulhar de noite a reserva — acrescenta, calmamente.

A vida para qualquer agricultor no Alentejo transformou-se num inferno. Até quando se consentirão no País situações como esta?

VACAS DE CARVALHO

ALGARVE

... que os turistas que estão no Algarve se sentem um pouco incomodados pela grande concentração da polícia nesta zona, concentração essa que chega até às praias...

... que isto tem particularmente incidência na zona de Portimão-Lagos, onde estão concentradas praticamente todas as forças policiais...

... que estas forças policiais já intervieram em conflitos de fábricas, em despejos, em stops, em rusgas e que têm um bom controle dos locais de trabalho — indústria hoteleira, conservas e construção civil...

... que esta polícia tem fama de ser composta por muitos retornados e homens que vieram das tropas especiais, parecendo ser ferozes anti-comunistas...

... que nem só esta polícia actua no Algarve. Há também actividade de fuzileiros na zona de Sagres...

... que esta intensa actividade no Algarve não se deve ao medo de distúrbios provocados pelos turistas, nem se destina apenas a manter na ordem os trabalhadores algarvios. Há que notar que o Algarve é considerado uma zona de recuo estratégico em relação ao Alentejo, o que pode acontecer em caso de conflito generalizado nesta região. Daí o interesse desta polícia de intervenção por tudo quanto se está a passar no Baixo Alentejo. E daí também que a operação de

contra-guerrilha feita pelos Comandos Sul tenha começado no Algarve e só daí se tenha dirigido para o Alentejo...

... que enfim, tudo se prepara para a aplicação da Lei da Reforma Agrária...

De «Página Um» (Secção: «Ouve-se: Será verdade?»)

Novos títulos para Idi Amin

A emissora oficial do Uganda, anunciou o novo título oficial do presidente Idi Amin, que é como segue:

«Conquistador do Império Britânico, Marechal de Campo ou Doctor Idi Amin, «Victoria Cross», Ordem de Serviços Distintos, Ordem Militar, Presidente Vitalício da República do Uganda, Comandante-Chefe das Forças Armadas e Presidente do Conselho da Policia e das Prisões».

MOEDAS DE 25\$00

As notas de 20\$00 com a simpática efigie de Santo António, que durante tantos anos passaram pelas nossas mãos, vão desaparecer da circulação. Para as substituir, vai o Estado mandar cunhar um milhão de contos em moedas com o valor facial de 25\$00.

A presente medida é justificada pela inflação e pela economia de divisas, atendendo a que as moedas metálicas são fabricadas em Portugal e o papel moeda é fabricado no estrangeiro.

Falando com José Batista sobre as Festas de Verão de Loulé

(continuação da pág. 1)

à cata de costumes e hábitos diferentes.

O segundo fulcro reportava-se ao artesanato, que é a tradução da cultura e das tradições de um povo. Essa tradição mantém-se bastante viva entre nós.

Cultivando-se no dia a dia, ela foi transplantada para o recinto da feira para mostrar aos visitantes como é que elas se executam.

O terceiro, era constituído pelo desfile dos carros ornamentados para todos aqueles, talvez a maioria, que os não puderam ver no Carnaval.

Houve portanto um programa em cheio para todos os gostos, propriamente com quatro grupos de atrações à escolha, envolvendo por um recinto sempre cheio de cor, de música e de alegria.

Único contratempo: a pouca ajuda publicitária devido a atrasos, não por culpa da organização mas sim por motivos técnicos que não permitiram uma execução mais rápida. Se essa publicidade tivesse sido bem programada, bem feita, pois nós teríamos muito mais gente. De qualquer maneira, a presença de largos milhares de forasteiros foi para nós um estímulo muito grande e se a publicidade tivesse sido inteiramente correcta, nós admitimos que o recinto fosse pequeno para comportar a afluência da resultante.

V. L. — Sobre a ordenação das atrações como se orientou a sua localização?

J. B. — Na placa destinada ao artesanato foi apresentado um stand dedicado ao turismo para informações de pessoas que aqui vinham e gostariam de saber eventos doutras regiões do Algarve. Tínhamos dois stands de cobres; tínhamos as aguardentes aqui do concelho de Loulé; tínhamos a doçaria do Algarve e de Loulé, que é bastante conhecida; tínhamos um stand de barcos, com olaria tradicional com raízes fenícias e gregas; tínhamos trabalhos de correeiros, com fortes influências mouriscas; tínhamos as empreitas, que foram juntamente com os cobres e com os barcos dos stands mais visitados e mais solicitados; teríamos os cesteiros que à última hora, por motivos alheios à nossa vontade não puderam comparecer.

No respeitante ao folclore, pois tivemos cinco ranchos de maior nomeada do Algarve; tivemos duas dezenas de carros iluminados e engalanados que deliciaram muito a assistência; tivemos a fanfarra de Lagos que entusiasmou a multidão com a sua garbosidade e com o seu apuramento; tivemos a Banda Filarmónica dos Artistas de Minerva aqui de Loulé; tivemos o Quinteto Castigo do Algarve, que interpretou músicas dos anos 20 e 30; tivemos também o desfile dos «Sempre Prontos»; tivemos não sei se mais de um conjunto para animar os bailes ao estilo do antigo; depois tínhamos barracas de comes e bebes e especialidades algarvias. E além de tudo isto um sorteio de muitos prémios.

O recinto dos festejos estava correctamente assinalado num desdoblável. Tudo estava bem localizado. Nos parques de estacionamento não houve problemas porque houve espaço suficiente para todos, o trânsito processou-se de maneira satisfeita.

Portanto, sob o ponto de vista de organização a coisa talvez não descorresse como nós desejávamos mas o que nós por certo desejávamos seria o ideal e o ideal é dificilmente realizável. Contudo as nossas previsões foram atingidas plenamente assim como os objectivos em vista.

Um dos factos a lamentar é que o civismo das pessoas nem sempre corresponde ao desejável. O recinto esteve a abarrotar de gente o que não correspondeu de maneira nenhuma ao número de bilhetes vendidos.

Daí a razão deste apelo: que de futuro as pessoas se compenetrem de que estes festejos têm uma finalidade social. Portanto, se houver a possibilidade de cada pessoa que lá entrou pagar o seu bilhete a função social estaria mais cabalmente realizada.

Este é um apelo que se faz extensivo às pessoas que moram na avenida.

V. L. — Estará garantida a continuidade da comissão organizadora, que tão relevantes serviços tem prestado?

J. B. — É desejo da Câmara profissionalizar estas festas, portanto, dar-lhes uma continuidade já não direi a nível regional, mas a nível nacional e, nisso estamos desde já empenhados, em dar carácter internacional ao Carnaval.

Portanto, todo o programa vai ser repensado para o ano de modo a atrair à nossa terra o maior número de forasteiros possível. Nesse sentido a campanha publicitária está já a ser iniciada. Vamos actuar a fundo, mas vamos fazer o melhor que estiver ao nosso alcance, refundindo todos os erros para deles tirar o melhor partido.

A Câmara coloca à nossa disposição os meios indispensáveis para tal. Ela conta certamente com o apoio da Comissão Nacional de Turismo, uma vez que o turismo terá de ser pensado em termos muito concretos. Não podemos estar dependentes da carolice de meia dúzia de pessoas. Portanto, temos de organizar quadros constituídos por dirigentes profissionalizados. Só assim me parece se conseguirá realizar uma obra válida. Isto está em estudo na Câmara.

V. L. — Em que moldes pensa funcionará esse grupo organizador?

J. B. — Vamos primeiro de tudo estabelecer um programa de trabalhos. Primeiro que tudo reunimos elementos dum chamada coordenação, dando cada um as suas achaegas dentro dos seus conhecimentos para que todo o trabalho a realizar se converta mais correctamente e que atinja todos os objectivos em mira. Haverá reuniões periódicas para troca de impressões acerca do estado em que se encontra o andamento dos trabalhos, para possíveis ajustamentos.

V. L. — Como analisa a sua colaboração e os seus trabalhos de decoração? Algumas delas revelam a sua marca, nesta realização das Festas de Verão.

J. B. — A minha colaboração começou como já sabe no último Carnaval a título esporádico, mas estás a pensar em conceder-lhe um carácter permanente. Eu sou por natureza gráfico, um desenhador e por natureza também decorador. Portanto, todos os meus conhecimentos são cabalmente utilizados. Era facto assente que eu não estaria dentro da execução laboral dos carros, isso é um pormenor técnico. No entanto é certo de que estou completamente à vontade para desenhar um carro, como aliás cheguei a fazê-lo há mais de 10 ou 15 anos.

Com a experiência adquirida e somando essa experiência que foi bastante útil, será possível, evitando aniquilamentos, recriar de novo. Isto vai ser utilizado nos carros futuros naturalmente com as colaborações então congregadas.

Conto evidentemente com os próximos de todas as pessoas que comigo colaboraram, no entanto faço notar também, simultaneamente, a essas pessoas que quando aparece um elemento novo ele inclui ideias novas. De certa maneira haverá talvez um pouco de sacrifício no abandono de formas que tiveram época e nos orgulhamos muito, mas que não devemos deixarmos prender a elas, para que o Carnaval possa ser alguma coisa mais do que aquilo que foi no passado.

A minha colaboração na Câmara mais concretamente nesse grupo coordenador, será no campo da decoração, isto é no campo artístico e criativo, dando também a minha colaboração na organização porque o Carnaval, sendo uma festa é um todo, onde não há partes destacadas.

V. L. — Eu sei que foi autor do painel afiado na entrada da feira perto da Campina. Quais são as suas impressões sobre ele?

J. B. — Havia uma entrada relativamente velha para a parte de cima da feira, mas alguns dos painéis que a compunham haviam desaparecido. Fui posto assim perante o dilema: restaurar o painel em falta ou criar um novo. Optei então por

pintar um painel escolhendo para isso motivos decorativos genuinamente louletanos ou algarvios.

V. L. — Parece-nos, contudo, que devido à sua força evocadora que deveria ser colocado mais em evidência, não acha?

J. B. — Bem, esse painel só não foi colocado na entrada principal porque o outro é um painel rico e tinha sido utilizado só uma vez e por respeito também aos camaradas que o fizeram. Várias pessoas me disseram, a maioria delas inclusivamente participantes da sua feitura, que este é que devia ser colocado na entrada principal.

V. L. — Acha que os empenhos postos nesta realização foram realmente premiados?

J. B. — À parte uma ou outra falha inevitável, pois a perfeição não é deste mundo, os objectivos propostos foram plenamente alcançados.

A Câmara está de parabéns porque não viu de forma nenhuma os seus propósitos defraudados. Antes pelo contrário.

Creio que as Festas de Verão obtiveram o sucesso merecido. Todos nós estamos de parabéns e façam votos para que de futuro estas festas se revistam do mesmo brilhantismo e sejam muito mais festeiras em divertimentos, alegria e cor.

V. L. — Já agora, que nos pode elucidar acerca da próxima Semana de Folclore, cuja inauguração se dará aqui em Loulé?

J. B. — A Semana de Folclore Nacional vai realizar-se no Algarve e terá com efeito a sua abertura em Loulé, distinção essa que muito honra dár à esta nossa terra.

Creio que deverá ter contribuído para a decisão dessa escolha o brilhantismo que revestiram estas Festas de Verão.

Largo do Monumento servirá de recinto pelo que irá ser iluminado e decorado convenientemente.

A inauguração terá lugar, portanto, no dia 3 de Setembro e no dia 10 haverá novamente outra exibição. Na abertura participarão o grupo coral de Torres Vedras, numerosos ranchos folclóricos, com a inclusão do nosso rancho infantil. No dia 10 virão actuar quatro ranchos de cada distrito e um dos Açores.

No dia 11, em Vilamoura, será o encerramento do festival, onde todos os distritos estarão representados inclusivamente os Açores e Madeira.

Estamos todos de parabéns, tanto pelo nosso rancho, que é uma realidade e representa o esforço e a boa vontade tanto da Câmara como do seu ensaiador, como do apoio dado por todos os colaboradores.

Este ano nota-se que há uma programação de festejos para o Algarve e para Loulé, em especial, que não se verificou no ano passado. Nota-se uma sequência de festejos com nível já bastante aceitável, que serve de facto o turismo, nacional e internacional.

A honra da inauguração deste festival advém do reconhecimento do valor indesmentível de Loulé.

POSTAL DE FARO

Neste pequeno apontamento, mais uma vez nos queremos referir à forma como o leite é vendido.

No Largo de S. Pedro, por exemplo, formam-se por vezes longas bichas, que não podem deixar de impressionar quem tenha de presenciar semelhante espectáculo.

E o que é mais doloroso, quantas vezes a dona de casa regressa sem conseguir o precioso líquido.

Só não compreendemos, é que a poucos metros do referido Largo, existe uma casa que se encontra fechada e que serviu outrora de posto de venda de leite.

Não sabemos se é a Câmara que paga a renda, mas uma coisa nos garantiram, é que o leite não é lá vendido, por que tinha de ser com menos dois tostões...

Não seria melhor a leiteira fazer a distribuição de porta em porta com antecedência?

Quem decide?

Há um outro problema que aflige a população desta cosmopolita cidade, completamente virada para o Turismo, que são os contentores que há já algum tempo foram colocados em diversos pontos da cidade.

Diga-se em abono da verdade, que a finalidade era melhorar o sistema de recolha do lixo, porém, na prática, verifica-se resultados contraproducentes; por um lado devido ao

pouco cuidado dos cantoneiros e por outro à incúria de certas camadas da população.

E que já tem acontecido, principalmente para aquelas pessoas que tiveram a pouca sorte de terem os recipientes em frente da porta, aqueles avariarem, ficando destapados, outras vezes vêm-se detritos espalhados pelo chão, o que causa um cheiro incomodativo e, quiça, perigoso para a saúde.

Até quando?...

Nesta coluna queremos deixar vincado o nosso mais veemente protesto pela subida escandalosa das águas minerais. Uma pequena garrafa de água passou a vender-se nos cafés desta cidade a 6\$00!

Já sabe o leitor se mandar vir uma garrafa de água (afinal é um copo de água), terá de pagar aquela importância, mesmo que seja de Monchique.

Mas qual a razão deste súbito aumento?

Qual a razão por que estas bebidas aumentam quase todos os anos?

O café aumentou, recentemente, porque o preço subiu no mercado mundial.

Mas, as águas minerais porque subiram?

Haverá alguém que nos queira elucidar?

A. B. MARUM

PALAVRAS CRUZADAS

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1										
2										
3										
4										
5										
6										
7										
8										
9										
10										

PROBLEMA N.º 4

HORIZONTAIS: 1 — Natural de Lisboa. 2 — Panela. Voz que exprime dôr, no pl. 3 — Voz que exprime admiração, Brasil. Parte exterior e circular do casco da besta, também chamado cinta ou muralha. Símbolo químico do astatine. 4 — O mesmo que amarelo. 5 — Lavrar de leve, para arrancar ervas daninhas. 6 — Apelido da mulher do di-

tador Sila, mulher de Crasso, o Moço. 7 — Guarnecer com fitas. 8 — Símbolo químico do níquel. Parte saliente de certos utensílios, no pl. Avançar. 9 — Manto. Fruto da videira. 10 — Estabelecimento onde se educam os mancebos que se destinam à vida eclesiástica, no pl.

VERTICAIS: 1 — Habitantes de Loulé. 2 — Concelho do Distrito da Zambézia, Moçambique. Nome de várias plantas do Brasil e da África, especialmente da família das bignoníaceas. 3 — Apelido. Teta. Símbolo químico do amercio. 4 — Obra ou porção de trabalho que se deve realizar em determinado tempo. 5 — Tribo indígena do Estado de Mato Grosso, Brasil. 6 — Cavalo feio, pequeno e manhoso, Brasil. 7 — Exclamação que se usa para aclamar, no pl. 8 — Forma proclística de não. Pedir. Que designa repugnância ou dor. 9 — Cidade da China. Apelido. 10 — Encheras de estrelas.

SOLUÇÕES DO PROBLEMA N.º 3

HORIZONTAIS: 1 — Côa; Elvas. 2 — Açu; Oiça. 3 — Lã; At. Útil. 4 — Gs; Tô; Laza. 5 — Uí; Pelém. 6 — Lá; Atine. 7 — Io; Xanti. 8 — Tamoar. 9 — Th; Rassos. 10 — Es.

VERTICAIS: 1 — Calculista. 2 — Ocasião. 3 — Au. 4 — Atiço. 5 — Atô; Tá. 6 — Paxás. 7 — Louletano. 8 — Vitalinos. 9 — Acizenta. 10 — Salameiros.

A MÃE DO PRESIDENTE

Jornalistas estrangeiros estiveram, recentemente, em Alcains, terra de Ramalho Eanes, para entrevistarem a mãe do Presidente.

Ficaram, porém, espantados ao darem com ela, de sachola na mão, a regar o milho, na horta.

— Então a inãe do Presidente está aqui a regar o milho, como se nada se tivesse passado na vida do filho? — perguntou um dos jornalistas.

— Sei muito bem o que acaba de se passar na vida do meu filho, — respondeu

ela. — Mas, por causa disso, as minhas galinhas vão deixar de comer milho?

Resposta digna de austerdade de que tem dado provas Ramalho Eanes.

MARCENARIA

PINTASS

«DIÁRIO DE LISBOA» ATACA «A VOZ DE LOULÉ»

(Continuação da pág. 1)

portanto dominado actualmente por um mórbido sectarismo ao servho de Moscovo. Fanaticamente obediente às ordens dos seus senhores, não aceita que alguém os critique e daí o ter dedicado uma mimoso crónica à «Voz de Loulé» através da «brilhante» pena do sr. José Mealha, de Silves.

Para delícia dos nossos leitores, não podemos deixar de arquivá-la nas colunas do nosso jornal. O teor é o seguinte:

DESCONHECER OU IGNORAR O INTERNACIONALISMO PROLETÁRIO

Em mais um pasquim dos que por todo o País proliferam lhe uma notícia com o título «FIDEL CASTRO DONO E SENHOR DE ANGOLA». O pasquim desta vez é o jornal algarvio «A Voz de Loulé».

O autor de tão infeliz artigo cita partes de uma entrevista dada por Fidel ao «Afrique-Asie», na qual afirma que, citando «qualquer agressão contra Angola receberá uma resposta energica. Consideraremos qualquer ataque contra Angola um ataque a Cuba. Que todos saibam que defendemos com todos os meios ao nosso dispôr e ao lado do povo angolano».

Mas esse pasquim, como é evidente não sabe, ignora o significado de INTERNACIONALISMO PROLETÁRIO, pois se soubessem não diriam semelhante asneira, pois a anteceder a citação dessas afirmações de Fidel, o pasquim afirma que «o rei de Cuba considera-se também dono e senhor de Angola» para depois dizerem que Fidel Castro é o «lacaio do imperialismo (!) soviético».

Pois é, o reaccionarismo da Imprensa Regional continua, esse reaccionarismo que tem intoxicado de propaganda anticomunista, fascista uma larga camada do nosso povo trabalhador. O governo devia olhar com mais atenção para a imprensa reaccionária que existe em todo o País.

Quando um povo não se esquece que foi explorado e que com a revolução socialista se libertou e conheceu a liberdade autêntica e a democracia, a ajuda a povos que lutam pela sua emancipação é a coisa mais natural deste mundo, a isso se chama a INTERNACIONALISMO PROLETÁRIO.

José V. G. F. Mealha — Silves

—x—

Pela leitura deste infeliz naco de prosa o leitor confirmará que o «Pravda... de Lisboa», (que cada vez mais se vê reduzido à sua ínfima condição de pasquim intoxicante da opinião pública) continua a ser fiel servidor do imperialismo soviético.

Claro que o sr. Mealha não des-

VENDE-SE

Carrinha Fiat 124, com 12.000 Km, em bom estado.

Nesta redacção se informa.

(3-3)

APARTAMENTOS



Vendem-se com 3 e 4 assoalhadas de luxo, Bloco em construção na Urbanização Expansão Sul, lote B (saída par Faro).

MANUEL RICARDO M. DA SILVA & C. LDA. — Construção de edifícios para venda em propriedade horizontal.

Escritório e residência na R. dos Combatentes da Granda Guerra, 56 — Telef. 62449 — LOULÉ.

EXPOSIÇÃO DE «PRESENÇA» EM FARO

O Secretário de Estado da Cultura, dr. David Mourão Ferreira, inaugurou no Teatro Lethes, em Faro, a exposição itinerante comemorativa do cinquentenário da revista «Presença». Este certame, que conta neste caso com a colaboração da Comissão Regional de Turismo do Algarve, estará patente até 31 do corrente.

Após uma visita à exposição o Secretário de Estado da Cultura presidiu a uma sessão, no decurso da qual o escritor e crítico literário dr. João Gaspar Simões pronunciou uma conferência sobre «Fernando Pessoa e a Presença», enquanto o Grupo de Teatro Lethes declamou poemas de autores presencistas.

Aos nossos assinantes no estrangeiro

(continuação da pág. 1) se dever, mais uma vez publicamos a tabela do custo das assinaturas.

6 meses	130\$00
12 meses	260\$00
6 meses (estrangeiro)	230\$00
12 meses (estrangeiro)	450\$00
6 meses (estr.) avião	320\$00
12 meses (estr.) avião	600\$00

Aos nossos assinantes de Loulé que deixaram passar o prazo de pagamento nos C.T.T. muito agradecemos que procedam à liquidação dos seus recibos na nossa redacção a fim de evitar novos e pesados encargos com a cobrança.

SERRANA

Água Púrrissima agora, também, no Algarve.

QUANDO À HIPOCRISIA E À DESVERGONHA SE JUNTAM A INCOMPETÊNCIA E A CUMPLICIDADE

(Continuação da pág. 1)

dos os portugueses dignos desse nome, e significou enfim, que ao governo que temos lhe é indiferente que se assassinem portugueses em Moçambique, que ele não levantará um dedo, nem esboçará um protesto que seja contra semelhante atropelo da nacionalidade portuguesa.

Reclamando-se campeão da defesa dos direitos humanos em toda a parte do mundo, metendo-se ridícula e intrometidamente nos assuntos internos de outros países, o governo português cala-se como um rato, temendo e cagunha, mas desvergonhado e hipócrita apesar de tudo, agora que o caso lhe diz directamente respeito.

Não será certamente dos comunistas que se vai esperar uma atitude de protesto, mas de um Governo seria de exigir pelo menos um mínimo de coerência, e sem fazer frete nenhum, de decência na cara.

J. M. M.



Armelim Contreiras & Gonçalves, Lda.

STAND DE AUTOMÓVEIS
Compra, Vende e Troca Automóveis
novos e usados

Resid.: Rua dos Combatentes da
G Guerra, N.º 14-1.-Esq.
Telef. 62919
Stand: Rua Diego Lobo Pereira

(Largo do Chafariz)
Campina de Cima
LOULÉ

de norte a sul de Portugal de sul a norte...

os nossos clientes têm sempre o nosso apoio

Voltamos a servir o Algarve e o Baixo Alentejo agora com os serviços directos que já temos em todo o País.

ao seu dispor:

A nossa FILIAL DE FARO na Rua Cunha Matos, 10-B - Telefone 27444



UTILMÓVEL

uma organização ao serviço da hotelaria, comércio e indústria alimentar
estudos e projectos - equipamentos - apoio técnico

Filiais em: Açores - Cacém - Coimbra - Faro - Lisboa - Madeira - Porto - Santarém - Setúbal

QUOTIDIANOS

a crónica de
JOSÉ MANUEL MENDES

«Deceptionado mas não trôpego!...»

Bom. Também não foi tão mau assim! E também não vamos agora todos armar em juízes com instintos cornélicos, assim a jeitos de quem se senta muito bem descansadinho à mesa, põe o babete ao peito e venhal que estariam aqui para que nos divirtam... e depois — consoante a disposição do momento — concedermos uns pontinhos para animar a malta...

Nem os homens que tiveram a coragem de pôr em pé estas Festas de Verão mereciam ser colocados no banco dos réus, depois de todos os sacrifícios e trabalhos por que certamente passaram, nem nos podemos queixar muito, até porque se as festas não foram mais animadas, cabe-nos a nós, público — participante, uma quota-partes nas culpas.

Faltaram carros alegóricos? Pois faltaram, sim senhor! A vasta avenida é grande demais para se encher facilmente. Mas os que por lá andaram, eram dignos. Pequenos, é certo, mas limpos e bem acabados.

Faltaram uns gigantones, uns cabeçudos (e há tantos, tantos), umas marjorettes, vamos lá, uma escola de samba até? Faltaram, sim senhor!

Aquilo estava na verdade muito xoxo, muito murchinho, valha-lhes Deus.

Mas afinal, porquê chorar o que não esteve? Porque não aplaudir a ideia da feira-amosta de artesanato, incentivá-la para em futuros festejos apresentar um ar menos tímido?! E quem poderá deixar sem um aplauso o nascimento do Rancho Folclórico Infantil de Loulé? E nem sequer se pode negar o saborear agradável das cócegas no nariz que provoca o cheirinho a frango assado que escoria daqueles becos laterais, onde a malta mais pesada abanou arraiais e só despegou quando o resto do marabhal já tinha ido para a cama. Não é verdade, amigo Louro?

Na generalidade, faltou ali uma pitada picante de Carnaval, os papelinhos, os saquinhos de serradura, as bisnagas de água (benvindas bisnagas nestes calores de Agosto!), todo um arsenal de movimentação e alegria que faz pular os corações.

As pessoas quedaram-se muito calmas, pouco entusiasmadas, repartindo-se e dividindo-se pelos chamarizes do folclore (só para espectadores altos) e do baile, passeando em passadas mornas e chocas, aqui e ali um ou outro exaltado, mas tudo muito poucochinho, muito poucochinho.

E afinal, que me desculpem os organizadores destas Festas de Verão por sempre ter bancado o juiz cornélico, mas é que apesar de todas as imperfeições, de todos os defeitos e de todas as ausências, e porque sei que deram todo o vosso esforço, e apostaram tudo nesta iniciativa — que pode vir a ter muito futuro — e que se não forem agora apoiados se calhar desistem, eu dou-vos desde já os meus quinze pontos.

E tem musical...

Encerrada a subscrição para obtenção de uma cadeira de rodas

Damos hoje por encerrada a subscrição aberta por este jornal a 7 de Julho último, sob o desígnio de angariamento de fundos para aquisição de uma cadeira de rodas destinada a Virgínia da Conceição Mendes, parcialmente invalidada por uma paralisia.

Findos precisamente quarenta e oito dias, a subscrição atingiu o montante de 11 050\$20, quantia esta que já excedeu a meta visada dos 10 mil escudos, a quanto irá provavelmente importar a obtenção da referida cadeira de rodas.

Dado o lapso de tempo tão curto ficamos triplicemente satisfeitos.

E que contámos desde a primeira hora com a pronta generosidade dos nossos estimados leitores, nunca desmentida ou afrouxada; o período de recolha das contribuições foi mínimo; e a finalidade desta pequena cruzada de bem-fazer foi atingida.

Motivos de sobra se nos deparam com efeito para nos regozijarmos, pois ficou bem evidente de que o nosso apelo não caiu em saco roto.

Antes pelo contrário, graças ao espírito afectivo, à solidariedade, e generosidade bem patentes foi-nos possível atender ao infortúnio alheio.

Compete-nos assim dar cumprimento ao agradável dever de agradecer a todos os doadores a sua consideração e os seus contributos sem os quais nada se teria feito de positivo.

Reiteramos, pois os nossos veementes agradecimentos deixando aqui bem expresso o reconhecimen-

to pela prestimosa e preciosa colaboração concedida.

Que bem hajam!!!

A seguir damos nota das contribuições ultimamente recebidas:

Transporte	10 457\$70
Delmira de Jesus (Fr.)	392\$50
Pedro de Freitas (Barreiro)	200\$00
<hr/>	
	11 050\$20
<hr/>	

Por lapso, foi referido no nosso penúltimo número, que os 1 074\$00 foram oferecidos pela sr.ª D. Alzira de Sousa Botelho, da Austrália, quando também naquele valor estão incluídas as ofertas das sr.ªs D. Maria da Conceição Neves e D. Maria Zulmira Santos.

POSSIBILIDADES DE FORMAÇÃO

ELUCIDAÇÕES PRESTADAS pela Comissão de Condicão Feminina

Recebemos, por amável deferência, que agradecemos, uma brochura editada pela Comissão de Condicão Feminina (Av. Elias Garcia, 12-1.º — Lisboa), que se reporta às possibilidades de formação de pessoas habilitadas com o curso geral ou o curso complementar do ensino secundário.

O MEU RECADO É DIFERENTE DO TEU

Amigo Zé Manel:

Não podia deixar passar o teu recado sem uma palavrinha amiga e, sobretudo, retribuir-te um recado diferente que nem por isso deixa de ser tão sincero e tão honesto como o teu. Evidentemente que a tua experiência nas lides do jornalismo sobrepuja-se à minha humilde Bic de escrevendo, pois não sou propriamente um jornalista mas um simples cidadão que gosta de escrever nas horas vagas. Os motivos porque escrevo para «A Voz de Loulé», já os expliquei resumidamente num dos meus últimos artigos. Contudo, e eu agradeço bastante que o tenhas feito, és o primeiro a insurgir-te contra os meus artigos politiquinhos de opinião, fora do contexto regionalista que se pretende que seja o jornal da nossa terra. Pena é que desconfieças, que os meus artigos regionais que se têm debruçado sobre reivindicações justas e críticas construtivas, não sejam do agrado de determinadas pessoas responsáveis, o que me levou a abandonar a abordagem de problemas locais em benefício de outros de carácter mais amplo e nacional, os quais pretendem, e eu escrevo-os com esse intuito, chamar a atenção das pessoas para a situação política actual e tentar mobilizá-las para a construção da paz, do progresso e da justiça social, que são no fundo as coisas necessárias à construção do tão apregoado Portugal Novo, que desejamos. Assim, penso que os problemas algarvios, os meus, os teus e os de outros inconformistas com a burocacia actual, não se encontram fora dos problemas do País e estão ligados entre si. Eis porque a minha crítica incide

quase sempre sobre os governantes que escolhemos livremente, mas que se têm mostrado, ao longo destes anos de incerteza, incapazes de solucionar uma crise que aflige principalmente as pessoas do campo, arredadas do nível de vida quotidiano e consideradas ainda portugueses de segunda. Tu sabes, perfeitamente, que o Algarve encontra-se destituído de representantes e que a descentralização não se faz no Terreiro do Paço! Os representantes algarvios apenas se interessaram pela sua carreira política e esqueceram completamente a terra onde nasceram. Todas as promessas demagógicas que fizeram foi apenas um pretexto para se centralizarem na capital, ganhando boas coroas para os seus passeios pelos centros putredinos. Sim, Zé Manel! Não penses que as pessoas das aldeias, quer sejam elas do Algarve ou de Trás-os-Montes, esquecem facilmente a politicagem e não julguem que os emigrantes e os leitores de «A Voz de Loulé» não se interessam pelos problemas políticos. Eles têm o direito de exigirem uma informação livre, que não seja controlada pelo Governo ou por qualquer agrupamento partidário. Uma informação justa, correcta e honesta, para que saibam se devem trabalhar para o engrandecimento do nosso País, se devem mandar para cá as suas economias para darem aos seus filhos uma vida mais digna e mais humana. Quem anda por terras estranhas ganhando o pão de cada dia, sabe dar valor ao trabalho e à produção e necessita saber se o seu trabalho tem a respectiva recompensa justa ou serve para encher os bol-

sos da vadiagem e da gatunagem que, por cá, continuam à solta.

Também eu tenho seguido com interesse os teus artigos. Por isso, o meu recado é diferente do teu. Escreves bem, tens facilidade na descrição de qualquer assunto, mas olha que o teu estilo requintado, a tua linguagem rebuscada, com vocábulos à moda gongorista ou barroquista, não se identificam com os simples leitores de «A Voz de Loulé» e eu, que não sei de cor a minha língua tenho, por vezes, dificuldade em compreender o teu vocabulário desusado, cheio de estrangeirismos e neologismos. Deves aproximar-te mais da linguagem popular, expressiva, da linguagem que o povo fala no seu dia-a-dia. Mais importante do que escrever palavras «bonitas» e muito «caras» é levar a toda a população a mensagem da paz e do amor através de uma linguagem que todo o mundo entenda.

Mas para se conseguir a paz e o amor que são, afinal as coisas mais queridas de todos nós, não devés continuar escrevendo sobre a Cornélia ou sobre a Gabriela, mas sim fazeres da verdade e da razão a tua luta, doa a quem doer. Aí fica o meu recado e já agora para terminar uma pequena observação. Quem nunca teve medo de falar alto e de vir para a rua, em tempos difíceis, não necessita de se esconder ou camuflar por trás de uma fotografia de menino, nem busca valor na infantilidade com que se apresenta. A minha fotografia foi uma mera casualidade que nada tem a ver com o que escrevo.

LUÍS PEREIRA



Igreja Católica em Vilamoura

Foi recentemente aberta ao culto, a igreja católica de Vilamoura, que tem por objecto prestar assistência religiosa àquela zona turística, até à data da inauguração deste templo em manifesta carência.

Na cerimónia, celebrou a Eucaristia e pronunciou alusiva homilia D. Ernesto Gonçalves Costa, Bispo da Diocese de Faro, acolhido pelos rev. P.º Elísio Dias, pároco de Quarteira e António Carriço.

O sacramento da Eucaristia passou a ser celebrado e administrado todos os domingos.

Posto de Câmbios

em Vilamoura

Entrou em recente funcionamento no Centro Comercial Imaviz, na Mata da Vilamoura, um posto de câmbios do Banco Fonsecas e Burmester.

As Festas de Verão de Loulé

Desejada desde há largos anos, finalmente se concretizaram as Festas de Verão de Loulé.

Encaradas como alternativa das Festas de Carnaval, quando estas coincidiram com dias de chuva, ou apenas consideradas necessárias como motivo de atração turística dos que procuram o Algarve para as suas férias, a realização das Festas de Verão impunha-se como cartaz turístico de 1.ª grandeza numa Vila que, além de ser privilegiada como centro geográfico do Algarve, possui também uma Avenida que deve ser das melhores do país para este tipo de festas.

Numa época em que o Algarve está autenticamente inundado de turistas, era previsível que alguns milhares se deslocassem a Loulé para participarem nas suas festas.

Assim aconteceu efectivamente e por isso a nossa bela Avenida se viu repleta, a transbordar, de um público que não se poupa a esforços físicos nem a dispêndios deslocações para estar presente em festas onde possa divertir-se.

E isto prova que aos portugueses não foi ainda tirado o direito de rir e nem sequer se conseguiu impôr o uso do passaporte interno que o impedia de se deslocar para onde quer que fosse.

Por isso (e não só) podemos dizer que disfrutamos hoje das mais amplas liberdades de movimentação e que podemos dar largas à nossa alegria, cantando o que nos apetecer e não aquilo que a alguns é imposto para delírio de um fanatismo intoxicante e anómalo.

E disto vivo testemunho o já podermos ouvir a alegre e boa música verdadeiramente portuguesa, que substituiu a música «re-

volucionária» com que nos queriam drogar e embrutar.

As Festas de Loulé deste Verão no Algarve provaram à saciedade e indiscutivelmente que, no fundo, o que as pessoas querem é viver bem e em liberdade e com o melhor que puderem.

E viver bem é possuir o seu automóvel para passear com a família e, sendo possível, uma casa «sua» onde não faltem um mínimo de comodidades essenciais à vida — coisas que, afinal, o tal ditado socialismo não pode proporcionar, pois todos se sentirão escravos dum tirano se todos forem obrigados a trabalhar (só) para o Estado e a pensar pelo cérebro de uma centena de novos privilegiados.

É esta a grande lição que nos dão os milhares de forasteiros que encheram o Algarve, entre os quais se contam milhares de emigrantes, cujo grande sonho é comprar aqui a «sua» casa ou o seu bocado de terra... para voltarem ao torrão natal.

Esta, sim, a autêntica democracia.

J. L.

The Stars of Faith

— êxito no Algarve

Constituiu um extraordinário êxito a actuação realizada na Sé Catedral de Faro do famoso agrupamento norte-americano «The Stars of Faith», o qual se deslocou ao Algarve a convite da Comissão Regional de Turismo. O numeroso público presente teve o ensejo de escutar famosos intérpretes dos espirituais negros e de canções gospel.